

“ESTACIÓN MIGRATORIA”

flashes

A todo processo migratório de ida, em menor escala, evidentemente, corresponde um movimento de volta. Vale lembrar, por exemplo, que em São Paulo, quando da grande emigração européia, os próprios imigrantes organizavam fundos para auxiliar os que, sem condições, desejavam retornar.

Atualmente, ao movimento de ida de brasileiros para os Estados Unidos, também corresponde um movimento de volta. Volta, porém, que não é financiada pela solidariedade de conterrâneos que lá permanecem, mas pelo governo do país que sonharam alcançar; volta, não dos que o desejam fazê-lo, mas dos que foram capturados pela polícia; volta, que não é migração de retorno, mas deportação! “Os prisioneiros do segundo grupo – lê-se em reportagem da Folha de São Paulo de 4 de março de 2004, referindo-se ao desembarque de 251 pessoas deportadas – vieram *sem uniformes ou algemas*”. (grifo nosso)

As 251 pessoas referidas acima somam-se a outras na mesma situação – já deportadas ou aguardando a vez – totalizando, na data referida, mais de mil migrantes brasileiros. Trata-se, nesses casos, dos que conseguiram transpor a barreira que divide o México dos EUA. Mas há também os que são capturados em território mexicano ou no ato da travessia: brasileiros e tantos outros. Quem nos fala desses não é a imprensa, mas as Missionárias Seculares Scalabrinianas que atualmente desenvolvem missão na cidade do México:

Uma delas é Giuliana, que nos narra um flash de um dos momentos da deportação: “Aeroporto da cidade do México. Estou esperando o voo para São Paulo (meados de 2003). A sala de espera, pouco a pouco, vai se enchendo de rostos e cores diferentes: há quem está voltando para casa, quem fala do carnaval no Brasil, quem lê, quem caminha... De repente, algo diferente chama a minha atenção: está chegando um grupo de pessoas. No começo julguei que se tratasse

*Dirceu Cutti **

de um grupo de excursão, de fato, todos portavam um cartãozinho, mas logo notei algo estranho. O grupo estava acompanhado por dois policiais de fronteira e por alguns agentes à paisana. Sentam-se todos próximos, são aproximadamente 40 pessoas, entre as quais apenas três ou quatro mulheres. Todos em atitude de silêncio e espera. Aproxima-se um agente da emigração que chama a cada um pelo nome e entrega o documento de embarque, enquanto outro agente tem em suas mãos a pilha de passaportes. São brasileiros e estão sendo expulsos!

Algumas pessoas observavam indiferentes, outras balançavam a cabeça, outras olhavam com desconfiança ou sinal de aprovação pela ação policial. O grupo todo sentia-se envolvido numa situação desagradável; entram por último no avião e os comissários de bordo gentilmente os convidam a

ocuparem os assentos livres.

Assim, encontrei-me sentada entre eles. Colocam-se, exaustos, sobre os assentos e logo parecem cair em um sono profundo..., ou nos pró-

prios pensamentos. Pensamentos que fazem recusar a comida a eles oferecida. Com o passar do tempo, alguns começam a falar: *“Nunca achei que tivesse que enfrentar uma situação como esta. Você se sente como um delinqüente, mas na verdade não fez mal a ninguém! A única coisa que quero é ter uma vida melhor, isso é crime!?”*

Eles haviam sido detidos há dois dias no aeroporto, durante a chegada, porque não tinham o visto no passaporte. Foram conduzidos à *Estación Migratória* e agora estavam sendo deportados. Dizia-me um outro: *“Já viajei para outros países, mas nunca me aconteceu nada parecido. Não nos deram nem mesmo o visto como turistas e estamos sendo repatriados como se tivéssemos cometido quem sabe qual crime!”*

Lorella e Filomena, colegas de Giuliana, vão nos conduzir para dentro da *Estación Migratória*, à qual as missionárias fazem, como parte da sua missão,

rotineiras visitas. Mas o que é a *Estación Migratoria*? Filomena, brevemente, assim a descreveu: Trata-se de um prédio de concreto, desconhecido por muitos mexicanos, cravado na cidade do México, dividido em pavilhões, cujo aspecto em tudo se assemelha a um cárcere. E, de fato, é um espaço onde permanecem detidos, temporariamente, os migrantes capturados pela polícia enquanto aguardam a expulsão para seus países.

Diariamente, da *Estación Migratoria* partem e chegam ônibus lotados, transportando homens, jovens, em sua maioria, mas também mulheres e por vezes crianças, além de menores desacompanhados. É um espaço de altíssima rotatividade. O tempo de espera para a repatriação varia de situação para situação: para os do centro ou sul-americanos, é uma questão de dias ou, no máximo, semanas. Já para os vindos da China, Oriente Médio, África e Leste Europeu, a espera pode

durar meses. E que espera! A *Estación Migratória* assemelha-se, na verdade, a um aterro de sonhos e esperanças de tantos migrantes que almejam alcançar os Estados

Unidos. Constitui-se num depósito repleto de incertezas quanto ao futuro. Mas não só, pois se para muitos ela representa o fim de um sonho, para outros, nem mesmo suas paredes grossas e frias são capazes de apagar o desejo ou a necessidade premente de ‘retentar’ a verdadeira epopéia da travessia.

Deixemos, porém, que as missionárias atravessem os portões da *Estación*. Lá dentro, encontram Isabel, com 14 anos, e sua irmã Luz, com 21. Equatorianas, viajando há quase um mês, na terceira tentativa de ir ao encontro dos pais que há oito anos vivem próximo a Chicago. Luz, a mais velha, contou à missionária Lorella: *“Chegamos no México com o navio, sem saber nada sobre o trajeto percorrido. Continuamos, depois, em um furgão junto com outras pessoas. Em certo momento, de noite, fizeram-nos descer num lugar em que só se poderia prosseguir a pé. Éramos quinze pessoas. Caminhamos por duas noites sem parar,*

“A fronteira, que se transformou em muralha, por mais que aprisione e deporte, não consegue deter a teimosia na travessia!”

sofrendo o frio e a fome e com o medo permanente de sermos descobertas de um momento para outro. Quando víamos luzes nos diziam para correr e nos escondermos atrás das árvores. Eu segurava sempre a minha irmã pela mão. Tinha muito medo mas não podia dizer nada, queria chorar mas me sentia responsável por ela. Rezava para que a Virgem Maria nos protegesse. Depois de muitas dificuldades, conseguimos subir em um outro furgão e chegar em Los Angeles: Estávamos nos Estados Unidos! O "pollero" – homem pago para nos conduzir – disse-nos para esperá-lo num lugar isolado enquanto iria abastecer o carro. Era sempre noite e estávamos muito cansadas, sem forças. A polícia chegou, prendeu a todos os quinze e nos conduziu de novo até a fronteira..." Luz recupera o fôlego, e continua: "O nosso sonho era aquele de abraçar os nossos pais, que não vemos desde que partiram, já são oito anos. A família é a coisa mais importante e não podemos mais viver sem eles. Não podemos nos entregar. Daqui a alguns dias nos mandarão de volta para o nosso país onde deixamos o nosso irmãozinho de dez anos, mas assim que for possível tentaremos de novo". E Luz acrescenta ainda: "Se Deus não existisse, não poderíamos enfrentar algumas situações da vida. Todas as injustiças que vimos, o modo com que a polícia nos tratou e ameaçou... Agradeço a Deus porque estamos vivas e porque não nos aconteceu nada pior. Ele quis que viéssemos parar aqui para não sofrer outras coisas. Continuo a ter esperança que seja possível encontrar os meus pais, se Deus quiser!"

Enquanto Lorella movia-se para ir ao encontro de outras mulheres, ouviu uma saudação em alemão: "Hallo! Wie geht's?" Surpreendeu-se, ao ouvir este idioma precisamente na *Estación Migratoria*. A voz vinha donde estavam Mara e Melli, duas irmãs iraquianas, católicas, com passaporte alemão, há seis anos vivendo na Alemanha. Com a documentação em dia, viajaram para o México como turistas para visitar parentes no Estado de Oaxaca. Estavam na *Estación* há oito dias pelo simples fato de serem iraquianas, ou seja, pessoas suspeitas. Mas em breve teriam condições de prosseguir viagem, diferentemente de outros iraquianos que também se encontravam na *Estación*. Era o caso de Seba:

"Estou aqui com meu irmão e com oito amigos iraquianos. Fomos detidos pela polícia porque tínhamos documentos falsos. Trouxeram-nos para a *Estación Migratoria de Tijuana*, onde ficamos seis dias, e depois aqui, na cidade do México. Não podemos voltar para o Iraque... Dois dos meus irmãos foram mortos. Quem sabe se será possível ir para os Estados Unidos... Tenho uma irmã que vive em Detroit há cinco anos e a minha mãe, há dois anos. Meu pai morreu no ano passado. Eles foram reconhecidos como refugiados políticos. Meu pai teve que fugir porque não apoiava o governo, ele estava doente..."

Enquanto Seba falava, ao lado acompanhava atentamente a conversa Nadia, uma albanesa de 18 anos, cujo marido também se encontrava na *Estación*, porém no pavilhão dos homens. Usando da língua italiana, que aprendeu assistindo televisão, disse: "Fugimos do nosso país. Nos Estados Unidos tenho um irmão e amigos que querem nos ajudar, mas são ilegais".

Na seção ao lado, na ala masculina, Juan, hondurenho, que aguardava a repatriação, decidido a arriscar de novo, assim se expressou: "Minha família depende de mim. No meu país eu trabalhava durante o dia inteiro, como um escravo, mas não conseguia sustentar minha mulher e meus dois filhos, um deles está gravemente doente e precisa de cuidados. Parti sozinho, caminhando e pedindo carona. Mas Deus estava comigo! Atravessei lugares com bandidos prontos para roubar, e não só isso, mas também prontos até para matar. Percorri cem quilômetros a pé, peguei um trem, encontrei outros como eu e que me ajudaram. Meus parentes estão esperando o dinheiro para pagar o aluguel e eu estou aqui, sem poder fazer nada. Não, não posso voltar assim!" Ao término destas palavras, Juan desabou num pranto que parecia não mais acabar... E não menos dolorido, foi o pranto de Márcia, mãe equatoriana, após ter conversado, por telefone, com seus filhos quando estes lhe suplicaram "para que não pensasse mais nos EUA", "para que voltasse para ficar com eles!"

Mas a fronteira México-Estados Unidos, que se transformou em muralha, por mais que aprisione e deposite, sem falar das mortes, não consegue deter a teimosia na travessia.

* Dirceu Cutti - Centro de Estudos Migratórios.